



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: QUALIDADE E DESIGUALDADE”

PROFA.DRA. CLEOMAR AZEVEDO

PSICOLOGIA EDUCACIONAL DO UNIFIEO-OSASCO

Cleomar.Azevedo@uol.com.br

O sistema de ensino no Brasil tem sido fonte de questionamentos constantes, ao apresentar resultados que deixam a desejar quando temos como referencia a qualidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito. Os resultados das ultimas avaliações demonstram que apesar das mudanças e dos investimentos do governo os freqüentadores da escola publica não conseguem competir no contexto social com os demais, na continuidade de seus estudos e inserção no campo de trabalho. Partes dos alunos formados no ensino fundamental e médio não conseguem compreender o texto que lêem, nem elaborar a escrita de um texto simples de comunicação como um bilhete.

Pesquisas recentes (PISA, 2000 e 2003; PRADO, 2009; Pnad, 2008) apontam que apenas 57% dos alunos que completam o ensino médio conseguem atingir o nível pleno de alfabetização e que o Brasil tem uma das piores médias nos resultados de testes de leitura.

O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) já realizou cinco edições da pesquisa que revela os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira adulta e a situação não melhorou: “somente 26% dos brasileiros que têm entre 15 e 64 anos dominam plenamente a leitura e a escrita no Brasil” (INAF, 2007).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), discutidos por Melo, Setti, Lins e Weber (2010), expressam que o analfabetismo atingiu 9,7% da população brasileira, em 2009, o que corresponde a 14,1 milhões de pessoas, mas nesses índices não estão incluídos os analfabetos funcionais, de modo que o analfabetismo efetivamente pode ser bem maior. Já a taxa de escolarização de crianças de 6 a 14 anos atingiu 97,6% dessa população. Esses dados mostram que, mesmo com a quase totalidade de crianças ingressando na escola com 6 anos, isto não assegura sua permanência ou que se alfabetizem na qualidade esperada para a continuidade de seus estudos. Esse quadro torna-se um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

importante cenário para a análise e revela e mantém a desigualdade em sua essência por sua própria estrutura e dinâmica. É condição fundamental em nossa sociedade, um cidadão conhecer a leitura e a escrita, pois através desta, este poderá ser atuante, crítico e participar das decisões de seu contexto social. Uma das questões primordiais em nossa sociedade é como desenvolver o processo de aprendizagem da alfabetização e letramento, fazendo com que os envolvidos neste processo tenham condições de compreender o seu significado e saibam utilizá-lo corretamente.

CONHECIMENTO E LINGUAGEM

O homem é uma espécie cuja evolução ultrapassou a evolução biológica, para uma ordem que não é da natureza, mas da cultura. O que caracteriza a espécie humana como humana, é que houve uma transposição das barreiras da materialidade para a materialidade simbólica, que é a cultural, ou melhor, faz-se cultural. O ponto de partida é a convicção de que o homem é um ser social, biologicamente predestinado a construir e habitar um mundo juntamente com outros seres humanos, a construção deste mundo se faz por meio da interação com o outro pela linguagem, a qual é considerada como característica fundamental do homem visto como ser social.

Por intermédio da linguagem, o ser humano construiu o que chamamos de “realidade objetiva social”, este produto é o “universo simbólico” capaz de dar sentido às experiências humanas e constitui a linguagem dos membros de uma certa sociedade em determinado período da sua história. O que permite ao homem construir-se como ser cultural e simbólico é o símbolo; o mundo é um conjunto de sinais, o homem não capta o real em si, mas os sinais, o simbólico, o que é simbólico para mim é simbólico para o outro.

A linguagem é adquirida a partir da sociedade humana é um produto da atividade humana, um produto social nascido da necessidade de comunicação social, para Vygotsky, o significado da palavra é um ato do pensamento, mas, ao mesmo tempo, o significado é parte inalienável da palavra como tal, pertencendo, tanto ao domínio da linguagem, como ao domínio do pensamento. Do ponto de vista semântico, para Vygotsky (1984, p.4), *“uma palavra sem significado é um som vazio, que não mais faz parte da fala humana”*. As



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

funções psicológicas superiores (atenção, pensamento abstrato, memória, vontade, etc.) segundo Vygotsky não são fruto apenas do processo de maturação biológica, mas também fruto do desenvolvimento cultural, construído pela mediação através de instrumentos psicológicos, dentre eles, um dos mais importante é a linguagem.

Vygotsky recorre ao conceito de “zona de desenvolvimento proximal” para explicar os mecanismos, pelos quais, na relação com o outro, as experiências de aprendizagem criam o desenvolvimento. A vontade, para Vygotsky, é construída sobre interações, e os seus avanços são resultados de revoluções, pois, como explica em seu conceito de “zona de desenvolvimento proximal”, o desenvolvimento consolidado abre sempre novas possibilidades, focalizando o emergente, o potencial. Por isso, a linguagem é, ao mesmo tempo, instrumento e signo para constituir a vontade. Ela não somente é o veículo para as formas superiores das outras funções da qual faz parte, mas é também veículo de si própria. Sendo assim, através da linguagem, o homem controla primeiro o ambiente e, mais tarde, seu próprio comportamento. Para o autor, *“las funciones superiores del pensamiento se manifiestan en la vida colectiva de los niños como discusiones y solamente después aparece em su propia conducta de reflexion”* (Vygotsky, 1995, p. 147).

A aquisição de um sistema lingüístico organiza todos os processos mentais da criança, Vygotsky (1989, p. 44), *“o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos lingüísticos do pensamento”*. A palavra, além de indicar um objeto do mundo externo, especifica as principais características deste objeto, generalizando-as, para, em seguida, relacioná-las em categorias, segundo o autor, *“O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem”* (1989, p. 44).

Levando em consideração as implicações das questões pontuadas, podemos levantar aspectos que contribuem e explicam as relações de aprendizagem do sujeito, em especial a importância da aquisição da leitura e da escrita como um dos meios de compreensão e conhecimento da cultura criada pelo homem.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Aprender a ler e a escrever é apropriar-se do código lingüístico, é tornar-se um usuário da leitura e da escrita, com real compreensão dos usos e funções da linguagem que esteja sustentada em um interesse em comunicar e compreender. Por meio da alfabetização, o homem pode tornar-se um ser global, simbólico, social, um cidadão inserido na civilização moderna, com o domínio de um dos mais significativos meios de comunicação humana.

No entanto a dificuldade de entender o como se dá o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita faz com que ainda não se tenha um meio plenamente eficiente no seu desenvolvimento, assim como nas maneiras de intervir e propor soluções para que de forma consciente se dê à construção e reconstrução do código lingüístico.

A língua escrita é um objeto cultural que envolve as pessoas e, que pode constituir-se em uma grande dificuldade em sua aprendizagem, pois hoje já não basta desenhar letras, decifrar códigos ou simplesmente ler o que está escrito, mas é necessário compreender as transformações culturais, sociais, políticas e tecnológicas ocorridas na sociedade contemporânea e que chegam aos sujeitos sociais através de gêneros textuais diversificados, dos quais não se pode deixar de lado na aprendizagem do sujeito, da sua convivência e dos seus usos, se tivermos em vista a formação de cidadãos atuantes e participativos.

Novos conhecimentos do final do século XX, com princípios diferentes para começamos a descobrir que não basta somente alfabetizar, mas, acima de tudo, é preciso que todos os sujeitos entrem em contato com as mais variadas práticas de uso da língua escrita. A comunicação pela leitura e escrita é tão intensa e o mundo de hoje que é considerado letrado, envolve o sujeito que possui o domínio da língua e seu uso, em situações significativas, tornaram-se uma verdadeira condição para a sobrevivência e a conquista da cidadania.

Os estudos acerca da psicogênese da língua escrita trouxeram aos educadores o entendimento de que a alfabetização envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação lingüística, processo que se dá pelo uso efetivo, respeitando-se níveis conceituais diversificados, pelos quais passam o sujeito que aprende. Alfabetizar, nessa perspectiva, deixa de ser um ato mecânico, mas um processo ativo, em que, aquele que aprende, reflete e age sobre a leitura e a escrita.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Ferreiro (2001) deixa claro que o sujeito deve reconstruir uma relação entre linguagem oral e escrita para se alfabetizar. Cabe lembrar, também, Azevedo (1995, p. 87): *"como se vai construindo progressivamente a correspondência silábica, até que esta chegue a ser uma correspondência estrita termo a termo"*. Alfabetizar-se, entre outros domínios envolvidos, é progredir no domínio fonético-fonológico, é caminhar para uma "correspondência termo a termo" entre as unidades / elementos da palavra falada e escrita. Mas é também fazer associações, estabelecer sentidos e correlacioná-los às especificidades da vida. Pensando a alfabetização para além da decifração, é preciso lembrar que a sociedade oferece e faz circular várias fontes e gêneros textuais. Portanto, cabe neste processo, ao fazer uso dos instrumentos e objetivos da educação, propiciar no processo alfabetizador, o convívio com gêneros textuais os mais diversificados, de forma a romper com a alfabetização descontextualizada, pois como propõe Soares (2000, p. 16) a alfabetização *"é um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito"*.

Os gêneros textuais são instâncias de sentidos que se diferenciam em conteúdo, forma e estilo e estão vinculados a situações sócio-comunicativas e culturais, em constante transformação. Crianças e adultos convivem, diariamente, com outdoors, convites, receitas, histórias, piadas, provérbios, história em quadrinhos, novelas, fábulas, charges, sala de aula, buscando, cada vez mais, tornar o ensino proficiente, proporcionando, assim, o letramento dos envolvidos no processo.

Segundo Soares (2000 p.91) há diferenças entre alfabetização e letramento. Ao fazê-lo, amplia o conceito de alfabetização e valoriza o conjunto de práticas sociais de linguagem, resgatando sua importância para o sujeito. Para essa autora alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: *o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita*. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se *Letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos (2000 p. 91)*.

É no processo de alfabetizar letrando que o professor capacita o sujeito ao domínio dos símbolos da comunicação, habilidade imprescindível no mundo contemporâneo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Alfabetizar e letrar são dois processos simultâneos, o que talvez até permitisse optar por um ou outro termo, como sugere Emilia Ferreiro (In: NOVA ESCOLA, 2003, p. 30), com o argumento de que em alfabetização já estaria compreendido o conceito de letramento, ou vice-versa, seria verdade, que por alfabetização se estaria entendendo muito mais que a aprendizagem grafo fônica.

No processo alfabetizador, há que se ir além do entendimento do funcionamento da escrita, para a compreensão da sua funcionalidade nas práticas sociais e culturais. Neste sentido, Tfouni (1995, p. 20) afirma que *“enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade”*.

Metodologia da Pesquisa

Dados do Instituto Nacional de Estatística e Pesquisa em Educação (INEP) revelam que os índices obtidos pela maioria dos alunos de 4ª série do Ensino Fundamental não ultrapassam os níveis “crítico” e “muito crítico”. Colello (2003) diz que *“mesmo para as crianças que têm acesso à escola e que nela permanecem por mais de 3 anos, não tem garantia de acesso autônomo às práticas sociais de leitura e escrita”*. Com isso, reproduz-se, em vários níveis de escolarização, o despreparo e as dificuldades para a promoção do desenvolvimento de atividades que levem crianças e adolescentes a uma aprendizagem significativa neste processo, cada vez mais, esse cenário se distancia da busca da qualidade e da igualdade social.

Esta pesquisa possui o enfoque qualitativo e seu universo envolve alunos que estão cursando o quarto ano do ensino fundamental, e que se apresentam na base alfabética da linguagem escrita, que estejam em idade compatível ou não com a série freqüentada, no ano de 2009. A amostra foi selecionada de acordo com as características do tema em questão e analisadas em dois momentos: no primeiro foi feita apenas a análise do tipo de escrita do aluno, no segundo uma análise mais completa envolvendo os seguintes dados: históricos dos alunos; fala dos pais; fala dos professores e fala do aluno.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Primeiramente foi feito levantamento de dados na Secretaria da Educação de um Município da região Oeste do estado de São Paulo. O número de alunos matriculados no 1º ano do ensino fundamental em 2009 foi de 6.835 alunos, (188 classes) e no 4º ano 6.428 alunos (171 classes). Neste levantamento já encontramos uma evasão de 5,95% de alunos.

Foi feito levantamento de alunos no 4º ano com dificuldades na aprendizagem da linguagem escrita, em duas escolas que será denominada A e B com seguintes resultados:

Escola A 4º. ano	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Total de Alunos	31	31	30	33	36	36	35	30	29	25

Escola A total de alunos de 4º ano: 316, sendo 54 alunos defasados na série e na idade e que não conhecem a linguagem escrita, correspondem a 17%. As classes I e J, são classes formadas por alunos que não sabem ler e escrever.

Escola B total de alunos na 4º ano 210, sendo 48 alunos defasados na série e na idade e que não conhecem a linguagem escrita, correspondem a 22,9%. Os alunos nesta escola estão distribuídos em todas as classes de 4º ano.

Escola B 4º. Ano	A	B	C	D	E	F	G	Total
Total de Alunos	34	33	31	29	30	31	32	210
Alunos Defasados	03	0	05	07	08	09	16	48

Para este trabalho foram sorteados 20 alunos (amostragem aleatória), destas duas escolas, para sondagem da escrita, entrevista com pais, com professores e com o aluno.

Desenvolvimento da Pesquisa

A seguir selecionamos uma amostra de quatro produções escritas feitas através de sondagem e faremos uma pequena análise dos seguintes dados levantados na pesquisa através de: prontuário dos alunos, entrevista com professores, pais, alunos.

A1 – C. – 12 anos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Histórico escolar: Ingressou aos oito anos de idade na escola; foi reprovado no quarto ano letivo, está cursando pela segunda vez.

Fala dos pais: A mãe afirmou que o garoto não para dentro de casa, quando chega em casa da escola, larga a mochila, come alguma coisa, se tiver, e logo vai para rua brincar com seus colegas. Muitas vezes volta para casa "altas horas da noite". Não lê e não escreve e não acredita que isto vá acontecer.

Fala da professora: A professora acredita que este aluno necessite de um acompanhamento de especialista, visto que demonstra comportamentos inadequados: desatenção, apatia, seguida de agressividade e indisciplina; a família é pouco freqüente á escola, não sendo possível partilhar da situação do mesmo como os pais; em relação ao desenvolvimento escolar não há rendimento porque não adquiriu o domínio da leitura e da escrita.

Fala do aluno: O garoto colocou que apresenta dificuldade no acompanhamento das atividades propostas em sala de aula, porque ele não consegue ler e os colegas ficam rindo dele..., só tem um colega na sala que às vezes lê e o ajuda escrever.

Sondagem da escrita:

I A NA → girafa E P E → peixe M AO → macaco
| | → | → | →

O aluno escolheu o campo semântico animais para escrever e já estabelece relação entre a fala e a escrita; utiliza algumas letras da própria palavra. Demonstra pequeno repertório de letras (em outras palavras repete sempre letras que não fazem parte da mesma). Faz uso do valor sonoro convencional. Sua leitura possui pauta sonora, porem nem sempre apresenta relação com o eixo quantitativo e qualitativo. Sua hipótese de escrita é silábica em conflito indicando o início da hipótese alfabética.

Ao observar a escrita produzida por este aluno concluímos que se encontra num nível de transição silábica-alfabética Já compreende que a escrita representa o som da fala. Está iniciando a superação da hipótese silábica Faz leitura termo a termo da palavra embora às



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

vezes demonstre seu conflito no final da mesma. Esta produção rescrita está pautada na hipótese de que faz uso uma certa quantidade mínima de caracteres e com a hipótese de variedade (variação na quantidade, quantidade e posição das letras). De acordo com Ferreiro e Teberosk (1985), ao mesmo tempo em que as crianças trabalham sobre esse eixo quantitativo, estabelecem também critérios quantitativos em relação às marcas empregadas: o escrito não pode ter sempre a mesma letra. Há, portanto, necessidade de interação entre as letras empregadas para escrever algo. Essas duas exigências formais primitivas de diferenciação são definidas como hipótese de quantidade mínima de caracteres e hipótese da variedade de caracteres, respectivamente.

A2 – M. – 13 anos.

Histórico escolar: Ingressou na escola aos sete anos de idade; não frequentou a educação infantil; cursou por dois anos o segundo ano do ensino fundamental; em 2005, cursou o terceiro do ensino fundamental e foi aprovado mesmo não tendo noções de leitura e escrita; em 2006, iniciou o quarto ano e em 2009 está cursando pela terceira vez o mesmo ano escolar.

Fala dos pais: Após muitos encontros marcados com a mãe de M., foi possível sentar como ela para conversarmos sobre a situação do mesmo. A mãe expôs que não dá para se preocupar com este seu filho porque tem outros menores que ficam em casa e não tem quem olhe, por isso não comparece à escola. Afirma que ele sai todos os dias para ir à escola e desconhece o motivo de ele não saber ler e escrever.

Fala dos professores: O aluno é indisciplinado; falta constantemente à escola; não tem os materiais básicos para o uso em sala de aula; a família não comparece à escola; o aluno não possui as mínimas noções de escrita e leitura.

Fala do aluno: Não tem tempo para estudar, pois precisa trabalhar. Assim que chega em casa, deixa seus materiais e vai para o centro de Pinheiros cuidar de carros na rua para ganhar gorjeta e ajudar a sua família nas despesas de casa. Gostaria de aprender a ler e a escrever para trabalhar na firma em que seu tio trabalha.

Sondagem da escrita:



P E O E → pão



O aluno escolheu o campo semântico lanche para escrever e estabelece relação entre a fala e a escrita; utiliza letras da própria palavra. Demonstra bom repertório de letras. Faz uso do valor sonoro convencional. Sua leitura é pontuda e as vezes global, apresenta relação com o eixo quantitativo e qualitativo da palavra escrita. Sua hipótese de escrita é silábica-alfabética. Sabe que para escrever coisas diferentes as escritas são diferentes. Apresenta dificuldade em escrever a palavra pão (monossílaba), pois este conflito faz parte da quantidade mínima de letras para escrever uma palavra. De acordo com a produção deste aluno, podemos perceber que ele se encontra no nível silábico-alfabético. Porque está em transição entre a hipótese silábica e a alfabética. Segundo Ferreiro (1985), quando a criança finalmente abre mão da escrita silábica, pela descoberta de que a sílaba não pode ser considerada como unidade, mas que ela é, por sua vez, re-analisável em elementos menores, há o ingresso no período final da evolução: a hipótese alfabética. R. já compreende que a escrita representa o som da fala. É uma escrita híbrida, alternando o valor silábico e fonético. Fez a leitura das palavras termo a termo só na palavra. É possível decifrar a maioria de sua produção escrita..

A4.-J. – 11 anos.

Histórico escolar: Ingressou na escola aos sete anos de idade. É o segundo que está cursando o quarto ano do ensino fundamental. Até os nove de idades, ficava período integral na escola, não na mesma instituição, era outra aonde alguns menores passavam meio período com atividades diversificadas, profissionalizante e/ou esportiva.

Fala dos pais: Segundo o pai, o garoto é bastante esforçado, só conversa em escola. Porém já fez de tudo para que ele aprenda a ler e a escrever, mas infelizmente nada mudou. Acredita que a escola seja responsável pela situação; um dos motivos desta queixa é o número exagerado de faltas da professora responsável pela sala.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Fala dos professores: É um garoto assíduo às aulas; os pais freqüentam as reuniões e também quando são solicitados; não lê e não escreve, porém, sempre que as atividades de sala lhes são proposta, solicita a ajuda da professora e de alguns colegas da sala de aula.

Fala do aluno: Fala abertamente que não sabe ler e escrever, porém justifica que não necessitará aprender, pois, seu pai não sabe ler, trabalha como pintor e ganha muito dinheiro. Então ele não precisa aprender.

Sondagem da escrita:

P M A U -mortadela Q J R S O → queijo P A Q J -pão
→ → →
R O S U O U L → presunto
→

O aluno escolheu o campo semântico lanche para escrever, e não estabelece relação entre a fala e a escrita; nem sempre utiliza letras da própria palavra. Demonstra bom repertório de letras. Nem sempre faz uso do valor sonoro convencional. Sua leitura é global, não apresenta relação com o eixo quantitativo e qualitativo da palavra escrita. Sua hipótese de escrita é pre-silábica. Sabe que para escrever coisas diferentes as escritas são diferentes.

Esta produção demonstra que não ha domínio da escrita convencional, sendo considerada escrita pre-silábica, portanto iniciando o processo de aquisição e compreensão do que a escrita representa. Não estabelece relação entre fala e escrita. As palavras produzidas são compostas de letras convencionais. .

Algumas Implicações

É inegável nos dias de hoje a importância da alfabetização tanto para o desenvolvimento do indivíduo como da sociedade como um todo a ponto de o nível de alfabetização de uma população – junto com outros indicadores como saúde, saneamento básico e renda per capita – ser usado como um dos mais importantes índices de desenvolvimento de um país. Assim, um dos mais importantes elementos, a incrementar as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

desigualdades, observado na atualidade é a condição de alfabetização da população. O problema do analfabetismo insulta a dignidade do homem e dificulta sua inserção social; denigre a representação que faz de si assim como o sentido de sua vida. Dessa maneira a alfabetização é um grande desafio para todos e naturalmente desafio maior para aquela faceta da sociedade responsável pela produção e distribuição deste conhecimento.

Embora consideremos como condição fundamental em nossa sociedade, um cidadão conhecer a escrita e a leitura, porque através destas, ele poderá ser atuante, crítico e participar de decisões de seu contexto social, observamos que parte significativa da população que ingressa no sistema educacional, possui grande dificuldade em acompanhar o processo de ensino, principalmente nas séries iniciais. Isto porque a preocupação em atender à crescente demanda que acompanhou o processo de urbanização do país deixou de lado a qualidade de ensino básico. Assim, torna-se urgente elaborar meios que possam desenvolver o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, fazendo com que as pessoas envolvidas neste processo tenham condições de compreender o seu significado e saibam utilizá-la corretamente.

A compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos é indispensável ao processo de alfabetização, mas o que se vê comumente, nas salas de aula e nos livros didáticos, é um total desencontro do assunto. O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais cientes estivermos de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de integração social, da natureza da realidade lingüística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condição teremos de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, conforme já desenvolvemos em outros trabalhos (AZEVEDO, 2003,2007,2009).

A escrita seja ela qual for sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, científica, mágica, política, artística e cultural de uma sociedade. A escrita tem como objetivo a leitura, pois é por meio dela que se efetiva a comunicação desejada. Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos como culturais, ideológicos, filosóficos e fonéticos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em trabalhos seus, (BARONE 1993, 2005, 2006) defende a idéia de que a aquisição da leitura e da escrita não poderia ser tratada de forma dissociada do sujeito que aprende: das experiências, da história de vida, do gosto e do desejo de ler do sujeito. Dessa maneira, qualquer trabalho que pretenda tratar seriamente da alfabetização não poderá deixar de fora o sujeito que aprende.

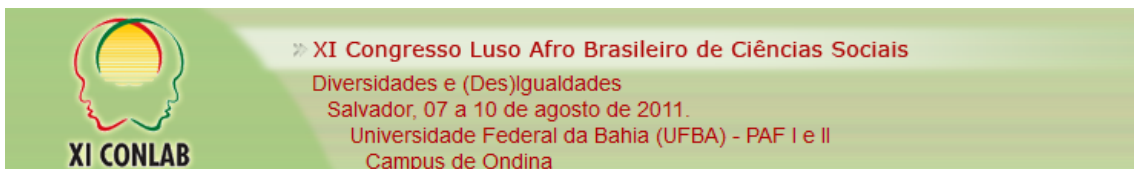
A partir das investigações dos teóricos e de suas concepções acerca do processo de apropriação do conhecimento, e em especial das implicações existentes no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, ou o chamado processo de alfabetização, devemos ter condições de perceber o como se dá a apropriação de conhecimento do código lingüístico, já que o mesmo se apóia fortemente em processos de intervenção deliberada, que ocorrem tipicamente na escola, para que a criança possa dar o salto qualitativo necessário à apreensão do sistema completo, sua estrutura, usos e funções. Ter condições de mediar a construção desse conhecimento fazendo com que todos tenham acesso à compreensão da leitura e da escrita, faz parte de um processo de busca da qualidade desta aprendizagem da valorização do ser humano, e, uma forma de contemplar essa perspectiva nos parece ser a o seu acesso a leitura e escrita para a construção e reconstrução da identidade e da realidade do sujeito leitor.

Bibliografia

AZEVEDO, C. “As Emoções no processo de Alfabetização e a atuação docente”. São Paulo, Vetor Editora, 2003.

AZEVEDO, C. “A mediação da linguagem na construção da subjetividade”. Em: J. C. de Souza Neto e M. S. Andrade (org.). Análise institucional. Diferentes perspectivas da aprendizagem. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2007. P. 13-36.

AZEVEDO, C. “Aprendizagem: relações entre pensamento e linguagem”. Em: J. C. de Souza Neto e M. S. Andrade (org.). Múltiplas visões sobre aprendizagem e convivência humana. São Paulo: Expressão & Arte Editora. 2009. P. 25-43



BARONE, L. M. C. “De ler o desejo ao desejo de ler”. Petrópolis: Editora Vozes1993.

BARONE. L. M. C.. Narrativa e cura: a função terapêutica da palavra. Em: Fabio Herrmann e Theodor Lowenkron (Organizadores),Pesquisando com o método psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo. Pp. 277-285.2005.

BARONE, L. M. C. (2006a). Literatura e construção da identidade. Em: Rev Psicopedagogia.; 24(74): 110-6.2007.

COLELLO, S. M. G. “A pedagogia da exclusão no ensino da língua escrita” In *VIDETUR*, n. 23. Porto/Portugal, Mandruvá, 2003, pp. 27 – 34 (www.hottopos.com).

COLELLO, S. M. G. & SILVA, N. “Letramento: do processo de exclusão social aos vícios da prática pedagógica” In *VIDETUR*, n. 21. Porto/Portugal: Mandruvá, 2003, pp. 21 – 34 ([ww.hottopos.com](http://www.hottopos.com)).

FEEREIRO, E. Cultura escrita e educação. Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.

FERREIRO, E. Alfabetização e cultura escrita. Entrevista concedida à Denise Pellegrini In Nova Escola – A revista do Professor. São Paulo, Abril, maio/2003, pp. 27 – 30.

FERREIRO Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1986.

LURIA, A. R. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre/ RS: Artes Médicas, 1986.

SOARES, M. Letramento. Um tema em três gêneros. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVIA, T. M. L. Arqueologia das Emoções. Petrópolis: Vozes, 2000.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

TFOUNI, L. V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

VYGOTSKY, L.S. (1987/1995/2003). Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes. .

VYGOTSKY, L.S. (1984/2006). A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L.S..(2004), Psicologia Pedagógica 5. ed São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L.S. Fundamentos de Defectologia – Obras Completas, Tomo V. Habana – Editorial Pueblo y Educación -, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano de Desenvolvimento da Educação. *Prova Brasil: Ensino Fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores*. Brasília: MEC, SEB, INEP, 2008/2009.

BRASIL. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). *Notícias da Prova Brasil e Saeb2007*.

Disponívelem: <<http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/saeb/arquivo07.htm>>. Acesso em: ago. 2010.

BRASIL. *Relatório Final do Grupo de Trabalho Alfabetização Infantil: os novos caminhos*. Seminário “O Poder Legislativo e a Alfabetização Infantil: novos caminhos”.

Comissão de Cultura e Educação da Câmara dos Deputados, 2003. Disponível em:

<<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 15 set. 2003.